



GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** (What is Science of Religion?). Tradução Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005, 168p.

Rodrigo de Abreu Oliveira \*

A obra de Hans-Jürgen Greschat propõe-se a esclarecer o que significa fazer Ciência da Religião. Com linguagem clara e argumentos bem fundamentados, o autor situa a experiência religiosa como fato primordial para o estudo científico da religião. Para Greschat, o trabalho do cientista da religião não se resume ao âmbito filológico; pelo contrário, existem certos aspectos da vida religiosa que nunca poderão ser captados apenas por meio da escrita. O pesquisador deve, portanto, tentar aproximar-se ao máximo da compreensão que o fiel tem de sua religião, pois somente assim ele conseguirá oferecer uma visão crítica e totalizante do objeto estudado.

O livro em questão se divide em cinco capítulos. No primeiro, *Ciências sobre o quê?*, o autor busca mapear o âmbito de estudo do cientista da religião, esclarecendo que os conceitos tratados nessa ciência não obedecem a um critério de exatidão como o que se pretende nas ciências naturais. Assim, para que se obtenha uma compreensão holística da religião a ser perscrutada, há de se efetuar a investigação de acordo com quatro perspectivas: da comunidade religiosa, do sistema de atos, do conjunto de doutrinas e, alicerçada nas noções anteriores, da sedimentação de experiências. Numa comunidade religiosa, existe uma hierarquização preestabelecida, na qual se institui uma diferenciação entre iniciados e não iniciados. No momento em que o pesquisador transpõe essa primeira etapa, depara com os atos religiosos: os ritos. Nos ritos, alguns aspectos da doutrina são manifestos. Todavia, é na revelação dos deuses em forma de palavras que a doutrina se constitui. As palavras, entretantes, não oferecem uma explicação plena para a revelação divina celebrada nos ritos. Raras vezes são inequívocas. Ato contínuo, os fiéis procuram e

---

\* Especializando em Ciências da Religião – PUC MG. e-mail: rodrigodeao@gmail.com

constroem sentidos que as ultrapassam. Surgem, destarte, comentários que, com o tempo, merecem novos comentários. A quarta camada do objeto é a experiência religiosa, ou seja, é a força vital que impulsiona as religiões, “alimentando seus ensinamentos e os ritos transmitidos” (p. 26). Quando se estudam religiões vivas, essa mudança vem a ser incessante – desmentindo a concepção de que as religiões são algo *compacto e firme*.

No capítulo seguinte, *Como produzir conhecimento?*, Greschat enumera sete passos para se desenvolver uma pesquisa séria e bem elaborada, ou seja: a identificação do problema a ser estudado; a escolha do problema a ser investigado; a coleta de material; a caracterização desse material; a solução do problema; a comprovação do problema; e, por fim, a forma como vai ser feita a comunicação dos resultados. A preocupação metodológica se faz presente nesta parte do livro. O autor evidencia a importância de identificar o problema, de analisar sua relevância e, finalmente, de perceber se o que está a desenvolver é ou não ciência. Outro aspecto que se destaca neste capítulo é o cuidado que se deve ter para transmitir esse conhecimento, de modo que não se trate apenas de estudar profundamente uma dada religião. A importância da comunicação desse material, por meio de uma linguagem clara e acessível para o *público comum*, é uma das principais características desse método.

No terceiro capítulo, *História da religião: trabalho com o específico*, o autor traça, sumariamente, a história da Ciência da Religião, dividindo-a em duas correntes primordiais: *História da religião* (Cap. 3) e *Ciência sistemática da religião* (Cap. 4). Num primeiro momento, o professor se ocupará da história comparada da religião. Logo, esclarecendo que no surgimento dessa ciência o foco de estudo era filológico, Hans-Jürgen Greschat atesta diversas dificuldades de traduções de textos sagrados, por existirem vários termos que, apesar de corretamente traduzidos, não encontram uma perfeita adequação de sentido. O cientista da religião deve, portanto, procurar compreender a língua nativa, para assim desenvolver melhor o seu trabalho. Adiante, o autor explicita que, com o desenvolvimento técnico da sociedade, várias formas de captação da realidade foram desenvolvidas, proporcionando um extenso material documentado em vídeos, fotos e outras formas de registro – sem falar dos objetos levados pelos colonizadores e do imenso acervo de pinturas feitas no século XIX e XX – para o desenvolvimento do estudo nessa área. No entanto, Greschat sugere que “cientistas da religião que trabalham apenas com textos são

como cegos que falam de paisagens que lhes foram descritas, em palavras, por pessoas que podem ver” (p. 77). Uma vez mais, o autor corrobora o método experimental, que busca desenvolver uma maior acuidade na compreensão da vida religiosa de uma religião estudada. Insiste sempre em que a observação, método científico por excelência, não pode ser deixada de lado. O que se pretende é conciliar a observação com a participação da vida religiosa. O pesquisador tem que ser capaz de perceber a circunstância propícia para lançar mão daquele ou deste método.

No quarto capítulo, *Ciência sistemática da religião: trabalho com o geral*, o autor discorrerá sobre a fenomenologia da religião. Nesse segundo instante, o autor começa por explicar a teoria de Rudolf Otto, que se fundamenta no sagrado despido de seus aspectos racionais e morais, ou seja, o *numinoso*. Ao apresentar a teoria e o problema a ser solucionado por Otto, Greschat pondera sobre a metodologia comparativa, muito utilizada por estudiosos que trilharam o caminho percorrido pelo erudito teólogo protestante. Depois de citar vantagens e desvantagens do método comparativo, o autor formula três perguntas basilares relativas a esse tipo de investigação: *como algo é constituído?, como funciona? e o que significa esse objeto do ponto de vista dos próprios fiéis?* (p. 128). Hans-Jürgen Greschat chega à conclusão de que o método comparativo é útil quando se busca compreender um traço comum em um objeto estudado. Posteriormente, descreve as três abordagens clássicas da fenomenologia da religião: a primeira, construída por Gerardus van der Leeuw; a segunda, por Friedrich Heiler; e a terceira, por Geo Widengren. A fenomenologia, diferentemente do método comparativo usado por Otto, não pode se resumir a descobrir o que há de comum no objeto estudado, mas deve ter como principal meta a compreensão da essência de tal objeto.

No *Apêndice*, que constitui o quinto capítulo, Greschat diferencia o teólogo do cientista da religião, reitera a necessidade de se conciliar a teoria e a prática e de levar a sério os fiéis de outras religiões, não utilizando os mesmos métodos da Ciência Natural – instrumentalização e distanciamento – à Ciência da Religião. Adiante assevera que os estudantes devem ter mais liberdade para produzir, esforçando-se, por conseguinte, em sair da condição de meros ornamentadores textuais. Por fim, reafirma o método experiencial, isto é, a necessidade do pesquisador de se envolver com o que estuda.

Hans-Jürgen Greschat é professor de História da Religião na Universidade de Marburgo. Este seu trabalho – *O que é Ciência da Religião?* – é bastante inspirador, pois desenvolve complexos fundamentos dessa ciência com a maestria de quem conhece o assunto profundamente. Demonstrando muito cuidado ao tratar da metodologia, o autor configura o âmbito de pesquisa do cientista da religião, de modo a evitar os constantes riscos de confusão com outras áreas de conhecimento, ainda que afins, como a Teologia, a Filosofia e a História. Desperta a atenção o fato de que Hans-Jürgen não se preocupa apenas em oferecer o resultado de seus estudos para um seleto grupo de pesquisadores. O autor tem como cerne de suas preocupações a difusão clara e objetiva do trabalho realizado. E, para falar de objetos “extraordinários em palavras ordinárias”, deve-se, antes de tudo, ser conhecedor do *objeto* que se estuda. Na linha da reflexão proposta por Greschat, vale finalmente ressaltar que o conhecimento da religião não advém somente do trabalho intelectual, mas também de um saber prático.